



INTERTEXTUALIDADE: UM FENÔMENO LINGÜÍSTICO

Norma Lúcia Reis Souza*

RESUMO: *Nenhum texto é totalmente autônomo. Ele se apresenta ancorado em várias vozes geradoras de outros textos, que se inter cruzam e constroem o sentido. O processo discursivo realiza-se no sujeito, daí considerarmos a intertextualidade como a relação de um discurso com outros discursos. É um recurso lingüístico usado em várias linguagens, seja verbal ou não-verbal, literária ou coloquial. O leitor, ao identificar um caso de intertextualidade, precisa ter conhecimento do texto original, para detectar a intenção do autor. É o que observamos na apropriação de provérbios e ditos populares, textos publicitários, jornalísticos e políticos, como nas charges, objeto do nosso estudo. O “corpus” trabalhado foi selecionado com o devido critério, visando extrair os elementos contextuais, intertextuais e os efeitos evocativos, numa tentativa de se explicar a re(significação) e o “já-dito”, abrindo-se espaços para outras interpretações. Utilizou-se como aporte teórico a linha da pragmática. Trabalhamos com fatos, acontecimentos do cotidiano. Foi realizada uma análise a partir do método dedutivo, baseado em pressupostos teóricos da pragmática. O “corpus” é composto por 05 (cinco) charges publicadas em periódicos de grande circulação nacional e na Internet. Verificamos que as charges se baseiam em acontecimentos, e a intertextualidade é um pressuposto para que ela exista. Se não houver a ligação, se o leitor não conseguir identificar a relação entre ela e os acontecimentos, a charge não faz sentido para ele.*

Palavras-chave: Intertextualidade; Linguagem plurissignificativa; Charge

INTRODUÇÃO

Sabemos que qualquer discurso nunca é totalmente autônomo, ele é ancorado em várias vozes geradoras de outros textos que se inter cruzam no tempo e no espaço e constroem o sentido composto pelo autor.

O processo discursivo, apesar de não ter origem no sujeito, realiza-se nesse sujeito, daí considerarmos a intertextualidade como a relação de um discurso com outros discursos, com suas paráfrases e com o domínio dos seus implícitos.

O discurso é o lugar de produção de sentido e de processo de identificação do sujeito.

Para Eni Orlandi (2002, p.17), citando Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito, como não há sujeito sem ideologia, e é no discurso onde podemos observar essa relação, portanto o discurso é o efeito de sentidos entre locutores e tem sua regularidade no social e no histórico.

O fenômeno da intertextualidade pode ser considerado hoje um recurso lingüístico de largo emprego em várias linguagens, seja literária ou não-literária. O seu domínio permite a compreensão plena da linguagem, tornando o texto mais rico e o produtor mais competente. Ela extrapola o texto literário e é um fator essencial da legibilidade de todos os outros textos. É

* Graduada em Letras com Inglês/UFBA; Especialista em Metodologia do Ensino Superior/UCSAL; Professora Titular da UCSAL; membro do Núcleo de Estudos da Análise do Discurso - NEAD. E-mail: nluciareis@bol.com.br.

considerada uma expressão do léxico atual da teoria da literatura, cujo termo foi criado pela semioticista Júlia Kristeva para designar a relação dialógica entre os textos e pode ser entendida como um processo de transformação e assimilação de vários textos, operado por um centralizador, que detém o comando do sentido.

Quando o autor a utiliza, busca uma espécie de interação entre os sentidos destes, o que permite, por sua vez, a construção de um terceiro sentido para o texto desencadeador da intertextualidade. Essas práticas discursivas o inscrevem num novo campo intelectual já conhecido do leitor, com quem estabelece uma certa cumplicidade por reutilizar um material que remete a um outro “já-escrito” que lhe dá sustentação e assegura o entendimento.

Ao identificar um caso de intertextualidade, é fundamental se verificar o sentido do texto original para, em seguida, procurar determinar com que intenção ele foi referido pelo autor do novo texto.

É preciso ter o hábito da leitura para perceber as relações intertextuais, portanto ter condição de entender o verdadeiro sentido do texto em que essas relações se constroem. Deve-se dispor de um conjunto de referências de leitura que permitam a identificação dessas relações.

A intertextualidade é um fator de coerência na medida em que, no processo de produção e recepção de um texto, o autor se reporta ao conhecimento prévio de outros textos; esse processo pode ser tanto de forma, quanto de conteúdo. A primeira ocorre quando o produtor de um texto repete expressões, enunciados ou trechos de outros, ou então utiliza o estilo de determinado autor ou de determinados tipos de discurso. É o que verificamos na relação do poema de Gonçalves Dias “Canção do Exílio” com trechos do Hino Nacional Brasileiro e da Canção do Expedicionário. Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Cassiano Ricardo e Oswald de Andrade retomam esse clássico, cada um ao seu modo, fazendo ora uma paráfrase, ora uma estilização, ora uma paródia. Esse poema de Gonçalves Dias (1823 – 1864), escrito em 1843, quando ele estudava em Lisboa, Portugal e contava 20 anos, apresenta como tema a saudade da pátria e tem inspirado, além de poetas e de cartunistas, compositores musicais como Bell Marques da Banda Chiclete com Banana na música “Vamos dar a volta no Brasil”, do seu DVD Chiclete na caixa, banana no cacho, do carnaval 2003- Salvador. Esses artistas reescreveram sua Canção do Exílio, e os dois versos do poema: “Minha terra tem palmeiras / Onde canta o sabiá” vêm retomados nessa canção e numa tirinha de Maurício de Sousa. Pode-se dizer que nesse possível confronto há uma conotação saudosista, exaltando a pátria, cantando suas belezas naturais, ou mesmo satirizando ou descaracterizando algum aspecto. Vejamos a tirinha de Maurício de Sousa:



Nessa tirinha publicada em 1972, o autor toma como referências os citados versos iniciais do poema de Gonçalves Dias. Ao se apropriar de tais versos, o cachorro Bidu provoca o processo de ruptura que desencadeia o elemento central da animação do episódio.

Ocorre aí a intertextualidade em sentido restrito, pois já existe o outro texto. Ela se apresenta de forma implícita e explícita. O primeiro quadrinho caracteriza-se como intertextualidade implícita, pois não ocorre citação da fonte, devendo o leitor recorrer à sua memória. No segundo quadro, ela é explícita, pois há citação do original, por isso está entre aspas.

A intertextualidade implícita é uma paródia, pois o autor faz uma imitação cômica da obra original, substituindo o substantivo “palmeiras” por Corinthians, seu time de futebol preferido. Já no segundo quadro, o outro cachorro utiliza o substantivo “Palmeiras” em duplo sentido: o original do poema de Gonçalves Dias X o nome do seu time, ambos times paulistas. Faz uma alusão, a construção sintática é mantida, e as figuras são modificadas.

A palavra “palmeiras” é um homônimo. Na tirinha, ela é entendida como time de futebol; no poema, significa árvore, ou seja, o seu sentido real. Existem reticências, simbolizando a suspensão da idéia, do pensamento, deixando a cargo do leitor a interpretação.

Quanto ao conteúdo, a intertextualidade apresenta-se em textos de uma mesma época, de uma mesma área do conhecimento, de uma mesma cultura etc, em que os textos dialogam uns com os outros. No primeiro caso, os textos contêm indicação da fonte, como acontece nas citações e referências de textos científicos, resumos, resenhas e traduções, geralmente colocados entre aspas e seguidos da indicação bibliográfica. Nesses textos, por exemplo, os autores fazem largo uso de citações, visando demonstrar que suas idéias têm respaldo nas idéias de outrem. Tal conclusão se baseia no argumento de autoridade, segundo o qual uma assertiva se torna verdadeira quando respaldada em outra considerada válida. No segundo caso, não existe a indicação da fonte, e o receptor precisa ter conhecimento prévio para poder recuperá-la, caso contrário não terá condições de entender o significado implícito que se pretende passar. É o caso da ironia e da paródia.

O leitor precisa estar contextualizado para detectar a intenção do texto. É o que podemos observar na construção de textos jornalísticos, quando normalmente dialogam entre si ao tratarem de um fato em destaque; na música popular brasileira, quando o autor retoma trechos de outras canções próprias ou alheias; na apropriação de provérbios e ditos populares, ocorrendo o processo de “detournement”, termo usado para designar a alteração na forma e no conteúdo de provérbios, slogans ou frases feitas a título lúdico ou político, como observa Ingedore Koch. (1997, p.54) Esse recurso também é bastante usado na publicidade, no humor e na música popular brasileira.

Afonso Romano de Sant’Anna (1999, p. 11) estuda a paródia, a paráfrase, a estilização e a apropriação como tipos de intertextualidade implícita usada nos textos publicitários, jornalísticos, literários e políticos, a exemplo das charges. O poema de Gonçalves Dias ilustra bem essas semelhanças e diferenças trabalhadas entre esses textos.

A paródia significa canto paralelo incorporado à idéia de uma canção cantada ao lado da outra, como uma espécie de contracanto, numa intenção de satirizar / criticar o acontecimento. Leonor Fávero (1999, p. 49) diz que falar de paródia é falar em Bakhtin, o qual analisa esse gênero textual como um palco de luta entre vozes contrárias, como um uso não-sério da linguagem, porém de grande efeito sócio-político. Esses efeitos do interdiscurso no acontecimento mobilizam a relação entre diferentes textos, ou seja, a enunciação de um texto se relaciona com a enunciação de outros efetivamente realizados, alterando-os, repetindo-os, omitindo-os ou interpretando-os. Assim, pela interdiscursividade e sua necessária intertextualidade, o sentido tem uma materialidade, uma historicidade.

A seguir, apresentaremos as relações entre os acontecimentos nacionais e internacionais e as charges, elemento da nossa análise. Esse “**corpus**” foi selecionado com o devido critério para poder extrair os elementos contextuais, intertextuais e os efeitos evocativos, visando, através da retomada desses textos, explicar a re-significação e o “já-dito”, abrindo espaços para outras significações, podendo opor-se ou acrescentar novos sentidos, novas direções.

ANÁLISE DAS CHARGES

A charge é um tipo de composição que articula harmoniosamente a linguagem verbal com a não-verbal. Nela observamos recursos lingüísticos manipulados com criatividade, e a linguagem é trabalhada no texto de forma lúdica.

Por empréstimo do francês, a palavra **charge** que significa “ataque, carga”, caracteriza um tipo de texto onde a realidade é (re)apresentada a partir de imagem(ícones) e de palavras (símbolos). Os chargistas, considerados formadores de opinião, de posse de um saber prévio, fazem uma leitura burlesca do mundo, parodiam situações do cotidiano, com as quais nos identificamos e acreditamos como verdadeiras.

No Brasil, ela surge no final do século XVIII e início do XIX, com um discurso fundado na linha do humor. Os textos da charge ganham força expressiva a partir da análise de fatos e acontecimento reais, onde o artista, de forma aparentemente despreziosa, constrói a sua crítica.

O uso de estratégias lingüístico-discursivas como a intertextualidade, jogos semânticos, malabarismos léxico-semânticos etc, sinalizam que o chargista detém um saber lingüístico amplo para poder utilizar a linguagem com maestria. Esses jogos lingüísticos são grandes responsáveis pelos efeitos de sentido produzidos no espaço da charge. A palavra surge muitas vezes velada, e as legendas expressam a ideologia embutida no texto.

Para Lília de Oliveira (2001), as imagens na charge representam algo que já existe. A harmonia entre os trabalhos iconográficos e o simbólico faz surgir um texto curto, porém rico em expressividade.

Apresentaremos, simultaneamente, os acontecimentos que desencadearam a construção das charges analisadas, visando construir as similaridades temáticas:

Charge Nº 1



Essa charge faz ironia à recente prisão do cantor internacional Michael Jackson, por ter abusado sexualmente de crianças. A ideologia apresentada na charge reporta-se à falta de honestidade de policiais, ou seja, pessoas que foram selecionadas e preparadas para defender a sociedade da violência e da corrupção são manipuladas através de propinas para se comportarem de forma totalmente oposta. A charge deixa pressupor que para libertar alguém que tenha desrespeitado a lei, é necessário apenas o pagamento de uma quantia significativa, seja de “verdinhas” – dólares, ou reais. Isto se caracteriza no momento em que Michael Jackson abre a maleta de dinheiro e nos olhos do policial aparece o símbolo da moeda americana, o dólar. O texto deixa subentender-se que todos os policiais são corruptos, ficando isso caracterizado no discurso do policial ao ver o dinheiro: “... Ele é inocentíssimo!”. Aparece no texto uma figura de pensamento - o paradoxo, porque é uma verdade enunciada com aparência de mentira. Percebemos na charge que o delegado está interessado no dinheiro que Michael Jackson lhe oferece, pois de inocente o cantor não tem nada!

O texto apresenta um estrangeirismo, o nome “Michael”, palavra de origem americana. Também o adjetivo “inocentíssimo”, no grau superlativo, fortalece o argumento da fragilidade da polícia, seja ela de qualquer país. É uma sátira explícita à corrupção vigente no sistema carcerário mundial.

A charge é utilizada por muitos profissionais com a intenção de realizar uma crítica a respeito de algum fato de grande importância ou que tenha repercutido na mídia. Atualmente, seus temas têm retratado a vida política de homens públicos, atitudes tomadas por alguém, ou alguma coisa que esteja afetando a sociedade. No intertexto, a charge relata um acontecimento envolvendo o pop star. Michael Jackson foi preso, mas conseguiu ser solto após o pagamento de fiança. Embora devesse cumprir pena, porém, devido à condição financeira, pagou pela sua liberdade.

Charge Nº 2



A charge nos reporta ao filme Matrix, onde o personagem Neo é posto, de forma singular, a fazer uma escolha que mudará sua vida: optar por uma pílula vermelha ou uma pílula verde; a vermelha o faria mergulhar em Matrix, e a verde o faria permanecer no mundo real, ou seja, fora de Matrix. Ele ingere a pílula vermelha e mergulha de cabeça num novo mundo onde será um agente interventor da realidade.

Ao mesmo tempo em que percebemos esse contexto da trilogia Matrix, produzido nos Estados Unidos, ligamo-nos à figura da mãe de Neo (na charge) com o chinelo na mão, brigando com o filho por ter aceitado bala de estranhos, afinal a vida não está para brincadeiras, e as drogas e a criminalidade são parceiras inseparáveis de qualquer mundo: tanto do real, quanto do de Matrix. O texto faz uma crítica a um acontecimento com o qual convivemos no nosso dia-a-dia, e cabe aos pais estarem atentos e orientando seus filhos para saber como fugir dessa realidade.

Charge Nº 3



A charge acima, através de uma paródia explícita, satiriza os reais ataques que a polícia da Grande São Paulo vem sofrendo por parte do Primeiro Comando da Capital, mais conhecidos como PCC. A crítica, porém, é mais grave no momento em que transparece a idéia de que a marginalidade está grande e fora do controle dos próprios policiais. Eles já não estão mais conseguindo ou sabendo lidar com a situação, e chegou ao extremo de esses marginais virem atacando as delegacias com tanta violência, que têm intimidado a própria força policial a qual deveria estar a postos para defender a população. O poder de fogo e de contingente é mais forte do lado dos fora-da-lei.

A linguagem expressa no texto é verbal e não-verbal (faz uso de cores, formas e gestos que podem ser facilmente visualizados e interpretados). É um texto também descritivo e expressa um sentido denotativo, real. Apresenta o uso de sinais de interrogação e exclamação com significado apelativo.

Charge Nº 4



A charge expõe uma polêmica atual que tem sido discutida por diversos segmentos da sociedade no tocante ao uso de alimentos transgênicos. Por ser algo novo e estar ainda na fase de implantação (pelo menos no Brasil), são enormes as dúvidas da população em relação aos reais efeitos que esse tipo de alimento pode causar no organismo humano. A soja, por exemplo, é um produto que está sendo geneticamente modificado, porém ainda não comercializado. Logo, a charge faz uma paródia com o tema em questão: se o transgênico não provoca nenhuma “mutação” ou alteração no corpo, como pode, após a ingestão dele, ter crescido o nariz do menino e surgido um rabo?

Aparece no texto o neologismo “transgênico” e faz uso de sinais de exclamação com sentido apelativo.

Charge Nº 5

Quem Mexeu no Meu Quê?



Depois do estrondoso sucesso de "*Quem Mexeu no Meu Queijo*" que virou livro de cabeceira de 11 entre 10 camundongos no mundo todo, a Humor Tadela Books Onde Têibow apresenta uma coleção de livros que vai mexer com a sua imaginação!



Quem Mexeu no Meu Carro?	De Rubinho, sobre a zilhonésima pane sem explicação na sua Ferrari.
Quem Mexeu no Meu Time?	De um são-paulino anônimo, depois que 4 jogadores do seu time foram para a Europa.
Quem Mexeu na Minha Mulher?	De um ciumento doentio.

Quem Mexeu na Minha Carteira?	De um turista alemão, depois de andar 5 minutos no calçadão do Rio de Janeiro.
Quem Mexeu nos Meus Prédios?	De George Bush, no dia 11 de Setembro.
Quem Mexeu no Meu Corpo?	De uma mulher de 40, indignada com a lei da gravidade.



Quem Mexeu no Meu Ibope?	De Gugu Liberato, depois do escândalo do falso PCC.
Quem Mexeu no Meu Copo?	De Zeca Pagodinho.
Quem Passou a Mão na Minha Bunda?	De Ray Charles, depois de uma sessão de autógrafos.

Quem Mexeu nos Meus Peitos, Porra?	Dercy Gonçalves, depois de andar em um ônibus lotado.
Quem Mexeu? Quem mexeu?	De um funcionário do IML, depois de um plantão noturno.

Esta charge faz uma paródia ao romance americano *Quem mexeu no meu queijo?* É uma parábola que revela verdades profundas sobre mudanças. Spencer Johnson (2001) criou uma história divertida e esclarecedora sobre quatro personagens – dois ratos Sniff e Scurry e dois duendes Hen e Haw do mesmo tamanho dos roedores que vivem em um labirinto à eterna procura por queijo, que os alimenta e os faz felizes.

O queijo é uma metáfora daquilo que se deseja na vida, seja um bom emprego, um relacionamento amoroso, dinheiro, saúde ou paz espiritual. O labirinto é o local onde as pessoas

procuram por isso: a empresa onde trabalha, a família ou a comunidade na qual se vive. Representa a busca.

Na história, os personagens defrontam-se com mudanças inesperadas. Um deles é bem sucedido e escreve o que aprendeu com a sua experiência entre as paredes do labirinto. Suas palavras ensinam a lidar com menos estresse e alcançar mais sucesso no trabalho e na vida pessoal. Mostra a vida como um labirinto de passagens, pelo qual percorremos em busca dos nossos caminhos, às vezes perdidos, confusos, mas com garra abriremos as nossas portas.

Revela a necessidade de nos encontrarmos no labirinto das dificuldades do dia-a-dia e sermos bem sucedidos em períodos de mudança. Vivemos sempre atravessando labirintos em busca do nosso queijo. O velho queijo representa o antigo comportamento, o novo queijo, o novo comportamento, e essa descoberta nos ajuda a lidar com as inevitáveis mudanças.

Sendo assim, o humortadela faz uma sátira associando “**Quem mexeu no meu quê?**” a personalidades importantes e situações cotidianas.

Em outubro de 2003, chega ao Brasil o livro “Quem mexeu no meu sabonete”, um guia prático de sobrevivência para os executivos na prisão, escrito por Andy Borowitz. O original em inglês *Who moved my Soap?* acaba de ser traduzido para o português pela M. Brooks. O autor, como humorista, reporta-se a fatos políticos e retrata a aventura de milionários que “escorregaram na lama” e se encontram cumprindo pena em penitenciárias. O título apresenta uma intertextualidade implícita, ao fazer uma paródia com a obra de Spencer Johnson.

CONCLUSÃO

No “**corpus**” analisado, podemos perceber a importância da intertextualidade para a construção do sentido de um texto.

Embora tenhamos trabalhado com um material significativo, esta pesquisa se inicia aqui, com perspectiva de continuidade, estando, portanto, aberta a críticas, as quais espero que sejam feitas pelas pessoas interessadas, com vistas ao aprofundamento desse estudo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de; Medeiros, João Bosco. **Curso de Língua Portuguesa para a área de humanas**; enfoque no uso da linguagem jornalística, literária, publicitária. São Paulo: Atlas, 1997.

BARROS, Diana Pessoa de FIORIN, José Luiz (orgs) **Dialogismo, Polifonia e Intertextualidade** Em torno de Backthin. São Paulo: Edusp, 1999.

CAMPEDELLI, Samira Yousseff ; SOUZA, Jésus Barbosa. **Produção de Textos e Usos da Linguagem**: Curso de Redação. 2ª edição, São Paulo: Saraiva, 1999.

CARVALHO, Nelly de. **Publicidade**: A linguagem da sedução. São Paulo: Ática, 1996

FÁVERO, Leonor Lopes. Paródia e Dialogismo. In: **Dialogismo Polifonia e Intertextualidade**. Em torno de Backthin. São Paulo: Edusp, 1999.

- FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Para Entender o Texto:** leitura e redação. 2^o edição, São Paulo: Ática, 1991.
- FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Lições de Textos:** leitura e redação. 2^a edição, São Paulo: Ática/, 1997.
- GUIMARÃES, Eduardo. **Os limites do sentido:** um estudo histórico enunciativo da linguagem. 2^a edição, Campinas, São Paulo: Pontes, 2002.
- HENRIQUES, Cláudio César; PEREIRA, Maria Tereza Gonçalves (orgs). **Língua e Transdisciplinaridade:** rumos, conexões, sentidos. São Paulo: Contexto, 2002.
- JOHNSON, Spencer M.D. **Quem Mexeu no Meu Queijo.** Trad. De Maria Clara de Biase. 29^a edição, Rio de Janeiro: Record, 2001.
- KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos.** São Paulo: Contexto, 1997.
- KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luís Carlos. **A Coerência Textual.** 12^o edição, São Paulo: Contexto, 2001.
- SANTANA NETO, José Antônio de [et alli] (org). **Discursos e Análises.** Salvador: UCSAL - Núcleo de Estudos da Análise do Discurso Instituto de Letras, 2001.
- MACEDO, Joselice; Santana Neto, João Antônio de; Rocha Maria José (orgs). **Discursos em Análise.** Salvador: UCSAL - Núcleo de Estudos da Análise do Discurso, 2003.
- MACHADO, Ida Lúcia. **A paródia vista sob a luz da análise do desenho.** In: Hugo Mari... [et alli.] (org) Fundamentos e Dimensões da Análise do Discurso. Belo Horizonte: Carol Borges – Núcleo de Análise do Discurso. Fale – UEMG, 1999.
- MEDEIROS, João Bosco. **Comunicação Escrita:** a moderna prática da redação. 2^a edição, São Paulo: Atlas, 1992.
- OLIVEIRA, Maria Lília Simões de. **Charge: Imagem e palavra numa leitura burlesca do mundo.** In: AZEREDO, José Carlos de. Letras e Comunicação: uma parceria no ensino da Língua Portuguesa. Petrópolis.Rj: Vozes, 2001.
- ORLANDI. Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento:** as formas do discurso. 4^a edição, Campinas, São Paulo: Pontes, 1996.
- ORLANDI. Eni Puccinelli. **Análise do Discurso:** princípios e procedimentos. 4^a edição, Campinas, São Paulo: Pontes, 2002.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, Paráfrase & Cia.** 7^a Edição, São Paulo; Ática, 1999.

TERRA, Ernani; Nicola, João de. **Português: Ensino Médio**. São Paulo: Scipione, vol 2, 2000.

VALENTE, André. **Aspectos semânticos em charges e cartuns**. In: Letras e Comunicação – uma parceria no ensino da língua portuguesa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

Sites:

www.humortadela.com.br. Acesso em 16/11/2003

www.monica.com.br/mauricio-site Acesso em 20/08/2004

www.google.com.br.

Revistas:

Isto É. São Paulo: Três Ltda, nos. 1730- 27/11/2002; 1741- 12/02/2003;
1773- 24/09/2003; 1777- 22/10/2003; 1785- 17/12/2003; 1796- 10/03/2004.